

SALTO PARA O
FUTURO

EDIÇÃO ESPECIAL: O IMPACTO DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

Ano XXI Boletim 05/Edição Especial - Maio 2011

SUMÁRIO

EDIÇÃO ESPECIAL: O IMPACTO DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

O impacto do racismo na Educação	3
<i>Azoilda Loretto da Trindade</i>	
Anexo 1: 10 maneiras de contribuir para uma infância sem racismo	
Campanha do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF	11
Anexo 2: O impacto do racismo na infância (folder da Campanha do UNICEF).....	13

EDIÇÃO ESPECIAL: O IMPACTO DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

Azoilda Loretto da Trindade¹

Início este texto destacando que não é fácil escrever sobre racismo. Isto me obriga a uma retrospectiva de uma história coletiva, da qual me sinto uma das protagonistas. Eu e todas as pessoas que, naquele momento, se insurgiram contra as injustiças e exclusões sociais. Em 1986, escrevi meu primeiro texto sobre *O racismo na escola*, para o Grupo de Trabalho de Educação do II Encontro Estadual de Negros do Rio de Janeiro. Considero esse texto emblemático em minha trajetória, por ter sido parte de um caminho que, depois de uma breve interrupção, prossegue com a elaboração deste texto para a apresentação da edição especial do Salto para o Futuro, que também retoma a referida trajetória. Não é fácil, pois ao olharmos os dados destacados a seguir, que compõem o material da campanha do Unicef “Por uma infância sem racismo” (Anexos 1 e 2), aliados ao bombardeio cotidiano de notí-

cias e imagens sobre a violação dos direitos humanos e de cidadania que é vivida pela população negra, temos a consciência de que, de fato, este pequeno texto é apenas um convite para uma reflexão sobre o tema, pois superar as desigualdades étnico-raciais forjadas pelo racismo insere-se num longo e difícil caminho marcado por veredas:

No Brasil, mais de 800 mil crianças de 7 a 14 anos estão fora das salas de aula. Dessas, cerca de 500 mil são negras. A escolarização é mais alta entre as meninas brancas. A proporção de crianças e adolescentes negros fora da escola é 30% maior que a média nacional e duas vezes maior que a proporção de crianças brancas que não estudam. Já entre as crianças indígenas, as chances de estar fora da escola aumentam em quatro vezes em relação às crianças brancas².

3

1 Doutora em comunicação e cultura pela ECO/UFRJ. Professora da UERJ, da Universidade Estácio de Sá e do Conservatório Brasileiro de Música. Consultora e autora nas temáticas do racismo, multiculturalidades e das Africanidades, em diálogo com a educação. Consultora da edição especial.

2 Desigualdades Raciais e de Gênero entre Crianças, Adolescentes e Mulheres no Brasil, no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. *Percentual de crianças de 7 a 14 anos que estão fora da escola*. Brasil, 2004. http://www.unicef.org/brazil/pt/folder_uni.pdf

TOTAL DE ÓBITOS POR PRINCIPAIS GRUPOS DE CAUSAS DE MORTALIDADE³

• Ano	2005
• Raça/Cor	Branco, Negro, Preto, Pardo, Amarelo, Indígena, Outros, Total
• Sexo	Total
• Faixa etária	5 a 9 anos, 10 a 14 anos, 14 a 17 anos, 18 a 24 anos
• Zona	Total
• Causas de Mortalidade	Causas Mal Definidas. Causas Externas de Morbidade e Mortalidade. Outras Causas de Mortalidade.
• Localidade	Brasil

Raça/Cor	Causas Mal Definidas				Causas Externas de Morbidade e Mortalidade				Outras Causas de Mortalidade			
	5 a 9 anos	10 a 14 anos	14 a 17 anos	18 a 24 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	14 a 17 anos	18 a 24 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	14 a 17 anos	18 a 24 anos
Branco	105	122	134	466	678	1.076	2.403	9.886	305	305	258	820
Negro	200	233	259	939	903	1.477	3.688	14.582	214	263	307	940
Preto	20	22	25	126	95	172	453	1.942	38	32	41	154
Pardo	180	211	234	813	804	1.305	3.235	12.640	176	261	266	786
Amarelo	3	*	*	11	6	5	*	48	3	*	2	11
Indígena	3	8	1	18	13	28	27	80	5	7	4	11
Outros	6	8	1	29	19	33	35	128	8	7	6	22
Total	631	416	443	1.616	1.726	2.765	6.512	26.214	591	630	633	1.964

4

Mas por que longo e difícil?

Difícil porque, no nosso país, temos uma imensa dificuldade em reconhecer a existência do racismo, sobretudo institucional, presente nas escolas, empresas, organizações sociais. Temos uma imensa dificuldade

de em nos reconhecermos racistas. *Aqui, ninguém é racista*, mas se conhecem muitos racistas. É como se cada pessoa fosse cercada de racistas por todos os lados. Você não acredita? Então, responda francamente: “Você é racista?” “Você já presenciou uma situação de racismo?”

3 In: [http://www.laeser.ie.ufrj.br/fichario_resultado.asp?](http://www.laeser.ie.ufrj.br/fichario_resultado.asp?indicador=1700&aba=1&crt_7=1&nomesLocalidades=Brasil+%28Pa%EDs%29&dpc_1=C&crt_1=2005&dpc_2=L&crt_2=A&crt_2=B&crt_2=C&crt_2=D&crt_2=E&crt_2=F&crt_2=G&crt_2=X&dpc_3=C&crt_3=C&dpc_4=C&crt_4=109&crt_4=110&crt_4=111&crt_4=112&dpc_5=C&crt_5=C&dpc_6=C&crt_6=428&crt_6=429&crt_6=430&dpc_7=C&x=46&y=4)

indicador=1700&aba=1&crt_7=1&nomesLocalidades=Brasil+%28Pa%EDs

%29&dpc_1=C&crt_1=2005&dpc_2=L&crt_2=A&crt_2=B&crt_2=C&crt_2=D&crt_2=E&crt_2=F&crt_2=G&crt_2=X&dpc_3=C&crt_3=C&dpc_4=C&crt_4=109&crt_4=110&crt_4=111&crt_4=112&dpc_5=C&crt_5=C&dpc_6=C&crt_6=428&crt_6=429&crt_6=430&dpc_7=C&x=46&y=4 Acesso em 28 de abril de 2010.

Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade, DATASUS - Departamento de Informática do SUS. Tipo de dados: Valor Absoluto. Tabulações do LAESER IE-UFRJ (Reprodução autorizada desde que citada a fonte). Observação: A categoria Negra representa a soma das pessoas Pretas e Pardas.

Lidar com algo de que as pessoas fogem, e também negam, naturalizam, sem se dar conta, muitas vezes, de estão imersas em um ambiente impregnado por este algo que se prefere ignorar, é muito difícil.

Difícil porque temos medo de enfrentar a existência do racismo em nosso país. Isso nos obriga a rever nossos pensadores consagrados (alguns deles tão venerados), que tinham um olhar racista em relação à diversidade étnica da população. Difícil é rever nossos conceitos embasados numa falsa democracia racial.

Difícil porque, a despeito dos avanços tecnológicos alcançados pela humanidade – imaginem, nossa espécie pode fazer viagens espaciais – e considerando todas as demais mudanças que nos afetam, como as novas linguagens e tudo o mais, o racismo continua recrudescendo e produzindo exclusão e apartação.

Longo caminho, porque não será do dia para a noite, nem por decreto, que ele será er-

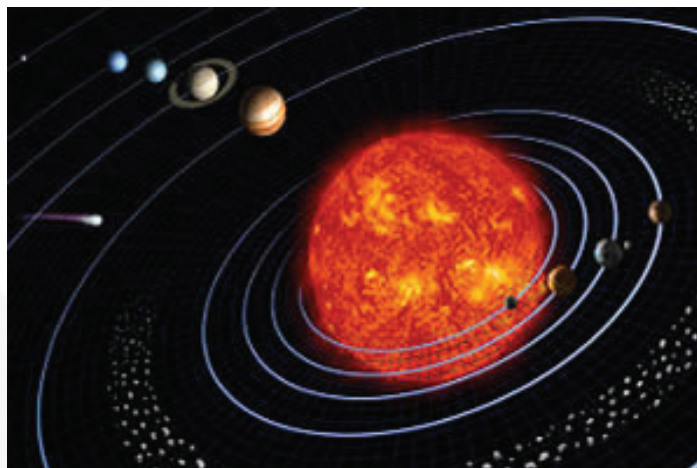
radicado, nem mesmo quando dizemos, ancorados na ciência, que não existem raças no que se refere à humanidade. Muitos interesses econômicos, políticos, sociais, psicológicos estão em jogo quando se pensa na erradicação do racismo e em não hierarquizar os seres humanos em função das suas características físicas e culturais.

Sim, é difícil mesmo e demorado mexer com privilégios históricos de grupos humanos que se consideram superiores a outros, com visões enraizadas, com mentalidades social e historicamente construídas.

Mas o que é racismo?

Há um espectro de reflexões e possibilidades acerca do que é racismo: Ideologia de dominação, mentalidade milenar de que alguns seres humanos são melhores que outros seres humanos, aparato teórico e prático ancorado na hierarquização de seres humanos...

5



Gosto de utilizar a representação do sistema solar como metáfora para definir o racismo.

Nesta representação do sistema solar, é bom destacar que o Sol é a referência e quanto mais perto dele, mais luz/calor. Esta representação, ou a história desta representação, pode ajudar-nos a compreender o racismo. Hoje, por exemplo, planetas que não se coadunavam com os critérios de planetas foram “destronados”, outros planetas surgiram, a concepção linear do sistema mudou... Enfim, a concepção de sistema solar, que marca uma visão de mundo dominante, pode ser vista como metáfora de explicação do racismo, é só trocarmos o Sol pelo modelo de ser humano (padrão) e substituímos os planetas por seres humanos. As características do padrão e dos que giram em suas “órbitas” ficam a cargo de cada pessoa.

O que para mim importa, neste momento é declarar que:

O racismo é um acontecimento (é discriminatório, violento, arbitrário, velado ou descarado) da nossa sociedade, que deve ser compreendido e combatido tanto macropolítica como micropoliticamente. Ao mesmo tempo em que precisamos conhecê-lo/combatê-lo na dimensão molar das instituições sociais (tal como no âmbito da escola), precisamos compreender e transformar os meios, os fluxos

e as figuras que, na dimensão molecular, constituem o seu plano de sustentação e animação, o que exige, em última análise, descobrir, nesta dimensão micropolítica, as linhas de fuga – ou seja, as forças materiais e psíquicas que escapam aos processos de captura e, assim, podem sustentar e animar formas não racistas de vida⁵.

IMPACTOS DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

Usaremos alguns recursos para convidar à reflexão acerca dos impactos do racismo na educação:

Na primeira noite, eles se aproximam e colhem uma flor de nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem, pisam as flores, matam nosso cão. E não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a lua e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada (Maiakovski, poeta russo, 1893-1930).

Primeiro levaram os negros. Mas não me importei com isso. Eu não era negro. Em seguida levaram alguns operários. Mas não me importei com isso. Eu também

não era operário. Depois prenderam os miseráveis. Mas não me importei com isso porque eu não sou miserável. Depois agarraram uns desempregados. Mas como tenho meu emprego, também não me importei. Agora estão me levando. Mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém, ninguém se importa comigo (Bertold Brecht, 1898-1956).

Começamos com estes poemas porque, tratando-se do racismo, cuidado! Qualquer omissão ou silêncio é insumo de cultivo ao racismo. É bom lembrar que ninguém ou nenhum grupo étnico-racial está isento da possível ação do racismo, sejam africanos, orientais, europeus, americanos e seus descendentes de todas as matrizes fenotípicas e culturais, nacionalidades e naturalidades.

ENTRANDO NA ESCOLA

É importante destacar que, no cotidiano escolar, o racismo tem um bom chão de proliferação, de produção e de reprodução. É necessário, contudo, destacar também que não é apenas na escola que se aprende, que se produz e se reproduz o racismo. Mas, entrando na escola, fazendo uma imersão no cotidiano escolar, a matrícula, o uniforme, a forma, a organização e as escolhas das tur-

mas, o planejamento, a sala de aula e seus assujeitamentos e controles de corpos, falas, os conteúdos (a despeito do artigo 23 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), os livros didáticos e paradidáticos, os espaços fora da sala de aula – como o pátio (recreio), o refeitório (merenda) –, as reuniões de professores(as), os conselhos de classe, as reuniões com os responsáveis, os discursos, tudo isso aponta para o fato de que estamos diante de um longo caminho para a erradicação do racismo e dos trágicos e danosos impactos que ele, o RACISMO, **produz no coração e nas mentes das pessoas.**

Que trágicos e danosos impactos são estes? Bem, esta resposta fica como um exercício reflexivo e de leitura de mundo para quem está lendo este texto.

Devemos repensar as escolas e suas práticas como possíveis agentes de mudança, na medida em que exerçam o papel de promotoras de equidade social, racial e de gênero no nosso país. Contudo, pelos dados, vivências, pesquisas e informações, a Escola Brasileira, enquanto um aparelho do Estado, carece de um radical e substantivo investimento para que cumpra sua missão de educar segundo os princípios e fins da educação nacional⁶:

Art. 2º. *A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

Art. 3º. *O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:*

I - *igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;*

II - *liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;*

III - *pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;*

IV - *respeito à liberdade e apreço à tolerância;*

V - *coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;*

VI - *gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;*

VII - *valorização do profissional da educação escolar;*

VIII - *gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;*

IX - *garantia de padrão de qualidade;*

X - *valorização da experiência extraescolar;*

XI - *vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.*

prometidos com a educação deste país, que mudanças metodológicas, didático-pedagógicas, de mentalidade e da práxis precisam com urgência ser implementadas. Cada vez mais se acirra o abismo entre a educação escolar (sobretudo a pública municipal e estadual), o trabalho, as práticas sociais e a experiência extraescolar.

Escolas quebradas, gradeadas, assaltadas, apedrejadas, pichadas, violadas, militarizadas, policiadas...

Docentes das mais variadas concepções e ações tecendo um cotidiano marcado pelo desrespeito e pela desvalorização profissional, sem citar o corpo de profissionais de educação escolar extraclasse, como merendeiras, serventes, inspetores (as)...

E os(as) estudantes, os(as) educandos(as)? Perdidos(as) ou presos(as) nas paradoxais encruzilhadas dos labirintos das políticas públicas educacionais: práticas docentes anacrônicas e/ou progressistas, conteúdos pedagógicos que não levam em conta a incerteza do futuro, inclusive do planeta, empobrecidos, aligeirados, uma “educação bancária” num tempo de movimentos e mudanças radicais na vida humana e terrestre, corpos desrespeitados aprendendo a subcidadania...

Os(as) responsáveis (pais, mães etc.) pouco vistos(as) e maltratados(as) como

Acreditamos, como seres humanos com-

parceiros(as) na trajetória educacional dos seus filhos e suas filhas... Embora muitos e muitas ainda façam filas para conseguir uma vaga em escolas que consideram de qualidade.

É necessário, nessa abordagem, entender o cotidiano escolar, como um recorte exemplar da sociedade. Sendo assim, a questão do racismo como produtor e reproduzidor de desigualdades da espécie humana, por suas características biossocioculturais e historicamente produzidas, é marcada por uma razão metonímica, por um pensamento autoritário e excludente da alteridade.

Como cotidianistas, não queremos ficar apenas com o que é macro, geral, ampliado e sugerido pelos dados selecionados acima. Por isso, terminaremos este texto com duas situações emblemáticas e ilustrativas da produção de desigualdades em duas escolas e em classes diferentes, ambas do 9º ano do Ensino Fundamental:

- **Escola a** – Colégio tradicional e de classe média alta, dirigido por uma congregação religiosa católica, situado no Centro do Rio de Janeiro.

O período diário de aulas é de seis horas. O aluno X - assim como seus colegas - desde o início do ano, tem aula particular das disciplinas em que não apresenta um bom rendimento. Isso como consequência da avalia-

ção dos anos anteriores de escolaridade e do compromisso com seu sucesso na terminabilidade do Ensino Fundamental e do êxito da rede que o mantém, família, escola de elite, aulas de suporte etc.

- **Escola b** – Escola pública municipal, Zona Sul do Rio de Janeiro.

O período de aulas é de 4 horas e meia, diárias, contudo, na prática há uma redução de no mínimo 30 minutos por dia.

Em abril, após o 1º conselho de classe, um percentual significativo dos estudantes de uma turma de 9º ano já estava reprovado. Destes, alguns já eram repetentes da referida série. No final do ano, o que o 1º conselho de classe sentenciou foi cumprido. Questão: o que a escola, enquanto uma comunidade, fez por estes estudantes “condenados” à repetência, durante o período de maio a dezembro?

Poderíamos encerrar este texto com um rol de soluções micro e macropolíticas para que a Escola Brasileira exerça o seu papel de promotora de equidade social, racial e de gênero. Muitos têm soluções idealizadas, e muitas ideias são excelentes, iluminadas. Contudo, no início da segunda década do século XXI, diante de desastroso quadro de desigualdades, recrudescimento do racismo, fortalecimento de visões e práticas conservadoras, autoritárias e até fascistas, ter-

minamos com a questão: **Como, diante de tantas desigualdades, a escola, como parte da sociedade, pode dar sua contribuição na**

promoção da equidade social, de gênero e étnico-racial?

EDIÇÃO ESPECIAL: O IMPACTO DO RACISMO NA EDUCAÇÃO

A Edição especial: *O impacto do racismo na educação*, com veiculação no Salto para o Futuro/TV Escola no dia 20 de maio de 2011, pretende debater a temática do racismo, considerando ser 2011, segundo declaração da ONU, o Ano Internacional dos Afrodescendentes. Nesse contexto, o UNICEF está promovendo a campanha “Por uma infância sem racismo”, alertando a sociedade sobre o impacto do racismo na infância e na adolescência. O objetivo dessa edição especial do Salto para o Futuro é promover a discussão sobre o papel da escola na garantia de direitos equânimes para todos.

ANEXO 1

10 MANEIRAS DE CONTRIBUIR PARA UMA INFÂNCIA SEM RACISMO⁷

1. Eduque seus filhos e filhas para o respeito à diferença. Ela está nos tipos de brinquedos, nas línguas faladas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento. E o respeito ao próximo está em primeiro lugar.
2. Palavras, olhares, piadas e algumas expressões podem ser desrespeitosas com outras pessoas, culturas e tradições. Indigne-se, e esteja alerta se isso acontecer!
3. Não classifique o outro pela cor de pele; o essencial você ainda não viu. Lembre-se: racismo é crime.
4. Se seu filho ou filha foi discriminado, abrace-o, apoie-o. Mostre-lhe que a diferença entre as pessoas é legal e que cada um pode usufruir de seus direitos igualmente.
5. Não deixe de denunciar. Em todos os casos de discriminação, você deve buscar defesa junto ao conselho tutelar, às ouvidorias dos serviços públicos, da OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência.
6. Proporcione aos seus filhos e filhas a convivência com crianças de diferentes raças e etnias. Valorize o comportamento sem preconceito e respeitoso e oriente-os sobre o que precisam melhorar.
7. Muitas empresas estão revendo sua política de seleção e de pessoal com base na multiculturalidade e na igualdade racial. Procure saber se o local onde você trabalha participa também dessa agenda. Se não, fale disso com seus colegas e supervisores.
8. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com

⁷ Agradecemos especialmente a Jacques Schwarzstein, do Programme Specialist UNICEF Brazil, pela colaboração ao longo de todo o processo de produção desta edição especial e pelo envio dos anexos 1 e 2 que compõem esta publicação eletrônica do Salto para o Futuro.

rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar esta postura dos serviços de saúde e sociais da sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.

9. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas escolas do país, as crianças e adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra e sobre como enfrentar o

racismo. Ajude a escola de seus filhos a adotar também essa postura.

10. Participe dessa Campanha e contribua para uma infância sem Racismo. Acesse o site www.unicef.org.br ou siga o UNICEF no Twitter: @unicefbrasil e acompanhe o tema da redução do impacto do racismo na infância e na adolescência. Divulgue para os seus amigos! Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades!



Seria possível uma infância sem racismo?

Seria possível termos todas as crianças de até 1 ano de idade sobrevivendo?

Seria possível um Brasil com todas as crianças – sem faltar nenhuma delas – tendo seu nome de família assegurado no registro civil de nascimento?

Seria possível termos todas as crianças – sem faltar nenhuma delas – com acesso a educação integral?

Seria possível termos todas as crianças livres dos efeitos da discriminação racial?

Brasília, 2010



O Brasil tem feito progressos significativos na melhoria da vida de sua população. Reduziu os índices de mortalidade infantil; o número de famílias que vivem com renda inferior a um dólar; melhorou e intensificou as políticas de ensino e de assistência às famílias. Contudo, isso ainda não está acontecendo para todas as crianças que vivem no País, especialmente quando observamos a situação de meninas e meninos indígenas e negros. Dentro de uma perspectiva de direitos humanos, essa questão é fundamental para que todos se beneficiem igualmente dos progressos alcançados.

Essas crianças e adolescentes ainda vivem em contextos de desigualdades. São vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais ou adultos e, às vezes, dentro de suas famílias. Depoem-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples presença indígena ou um olhar negro atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança sente de forma inconsciente ou não, a obrigação e negar suas tradições, sua identidade e costumes.

O racismo causa efeitos.

O racismo causa impactos danosos do ponto de vista psicológico e social na vida de todos e qualquer criança ou adolescente. Ainda pode aprender a discriminar apenas por visualizá-la discriminando. Nesses momentos, ela se torna vítima do racismo. A prática do racismo ou discriminação racial é uma violação de direitos, contínua em todos os países. No Brasil, é um crime inafiançável, previsto em lei.

Essa é uma situação que preocupa o UNICEF, uma vez que compromete o desenvolvimento pleno da maioria das crianças e adolescentes no Brasil. **Exatam** entre de 37 milhões de crianças e adolescentes no Brasil, e sabemos que nenhum deles nasceu discriminando, seja por cor, raça ou etnia. Crianças não nascem querendo discriminar, e nós, adultos, devemos estimular esse potencial criativo.

Por isso, o UNICEF lança uma campanha que faz um alerta sobre os impactos do racismo na vida de milhões de crianças e adolescentes brasileiros e **convida cada um a fazer uma ação por uma infância e adolescência sem racismo.**

Estudos na área de educação infantil revelam que, ainda no primeiro infância, a criança já percebe diferenças na aparência das pessoas (cor de pele, por exemplo). A responsabilidade dos adultos é muito importante nesse momento, evitando explicações ou orientações preconceituosas.

Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança adquire em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a função de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas escolas ou em histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens reforçadas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências.

Por isso não, uma criança pode sentir "desvantagem" ser racista negra ou indígena ou preferir a um grupo étnico racial mais discriminado. Os efeitos disso são o negação e o esquecimento de suas histórias e culturas. Portanto, nosso compromisso é construir um lugar justo, igual e sem discriminação para nossas crianças.

O Brasil tem o exemplo de ações de bondade e de respeito às diferenças que precisam ser expandidas e disseminadas. O UNICEF quer colaborar com o governo e com a sociedade para ampliar o alcance dessas boas experiências que visam minimizar os impactos do racismo sobre a infância, contribuindo para uma sociedade mais democrática.

CONDIÇÕES DE VIDA

Como vivem as crianças e adolescentes negros e indígenas?

GRÁFICO 1 - ALARME DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INDÍGENAS E NEGROS NO PAÍS



54,5%
das crianças
ou indígenas

No Brasil, vivem 31 milhões de crianças e adolescentes negros e 100 mil crianças indígenas. Juntos representam 54,8% de todas as crianças e adolescentes brasileiros.

Pobreza

Uma em seis milhões de crianças e adolescentes brasileiros vivem em famílias pobres. Representam 45,6% do total de crianças e adolescentes do País. Desses, 17 milhões são negros. Entre as crianças brancas, a pobreza atinge 32,2%, entre as crianças negras, 60%. A desigualdade racial na pobreza entre crianças continua mantendo-se nos mesmos padrões: uma criança negra tem 70% mais risco de ser pobre do que uma criança branca.

Mortalidade infantil entre as crianças indígenas

No Brasil, apesar de todos os esforços que asseguraram uma taxa de mortalidade infantil em torno de 19 mortos para cada mil crianças nascidas vivas, a taxa de mortalidade infantil indígena ainda representa um sério problema de saúde pública. Em 2009, relatório oficial da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) revelou a taxa de 41,9 mortos infantis para cada mil crianças indígenas nascidas vivas. Esse número ainda reflete uma forte tendência de queda desde 2000, e se representa valores acima da população em geral.

1. IBGE, Perfil 2010. Crianças – população de até 17 anos.
2. IBGE, Perfil 2010. Crianças pobres – população de até 17 anos vivendo em famílias sem rendimento mensal fixar por pessoa de até 107 salários mínimos.
3. Funasa. Violência em saúde indígena: dados e indicadores selecionados 2010. Brasília: Funasa, 2010 p.36. 8.

6

Monitorar as ações para melhorar as condições de vida e a qualidade

O Relatório de Gestão do SUS 2010

7

15

O acesso à escola

Uma criança indígena entre 7 e 14 anos tem quase três vezes mais chance de estar fora da escola do que uma criança branca na mesma faixa etária, e uma criança negra entre 7 e 14 anos tem 30% mais chance de estar fora de escola do que uma criança branca na mesma faixa etária.



Das 530 mil crianças de 7 e 14
anos fora de escola, 330 mil são
negras e 190 mil são brancas

Adolescência

Na adolescência, algumas das maiores violações são os homicídios, a exploração sexual nas grandes cidades e os suicídios nas aldeias indígenas. Segundo o estudo realizado sobre o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) – uma parceria entre Laboratório de Análise da Violência, UNICEL, SLDH e Observatório de Favelas – o risco de ser assassinado é 2,6 vezes maior para os adolescentes negros em comparação aos brancos⁴, nas grandes e médias cidades brasileiras, com população acima de 100 mil habitantes.

Os suicídios ainda são uma importante causa de mortalidade entre a população indígena. Entre todos os óbitos registrados na população de crianças, adolescentes e jovens (0 a 24 anos) indígenas, 5,8% foram óbitos por suicídio – o que equivale ao triplo da proporção de suicídios entre a população branca, em que esse valor é de 1,9%. O número de óbitos por suicídio entre a população indígena, embora pequeno em termos absolutos quando comparado aos registros encontrados nas populações brancas e negras, vem crescendo ao longo do tempo. Em 5 anos, entre 2003 e 2008, esse número cresceu 14,8%, entre a população branca, caiu 2,7%⁵.

No tema da exploração sexual, as vítimas desse tipo de crime, em sua grande maioria, são adolescentes entre 16 e 17 anos de idade, quase sempre negras ou indígenas⁶.

4. IGL/PNUF 2010.
5. Laboratório de Análise da Violência – LIA/Unicel – Sobre dados de SINA/Sistema – MS, 2008.
6. MIVIS/UNICEL – Sistema de Informação sobre Mortalidade – SIM/2003-2008.
7. Pesquisa sobre Violência e Crianças para Favelas – Petrel, 2007.

8

Monitorar as ações para melhorar as condições de vida e a qualidade

O Relatório de Gestão do SUS 2010

9

Trata-se de uma
Ação em Rede
que pretende
influenciar mudanças
de atitude e alcançar
diferentes espaços
e ambientes.



AGIÃO
Como é a Campanha de Mobilização Social?

É uma iniciativa do UNICEF e de seus parceiros que faz um alerta à sociedade sobre os impactos do racismo na infância e adolescência e a necessidade de uma mobilização social que assegure o respeito e a qualidade étnico-racial desde a infância. Visa colaborar com as iniciativas de redução das disparidades raciais e estimular questões de valorização da diversidade com equidade.

A campanha desenvolve um conjunto de estratégias que têm como objetivo fazer mudanças e promover mudanças que ajudem a eliminar atitudes discriminatórias que, por percepções, vêm exercendo efeitos danosos na formação e afirmação da identidade de crianças e do adolescente indígenas, negros e brancos.

Trata-se de uma **Ação em Rede** que pretende influenciar mudanças de atitude e ações em diferentes espaços e ambientes: de espaços familiares, onde a criança pequena inicia sua aprendizagem; de espaços escolares, onde ela aprende a convivência com o outro; de ambientes de trabalho, onde adultos podem demandar políticas corporativas de respeito à diversidade e também influenciar relações mais respeitadas entre as crianças e adolescentes.

Para alcançar esses objetivos, a campanha lança as **10 maneiras de contribuir para uma infância sem Racismo**. O objetivo é oferecer sugestões sobre o que cada um pode fazer para reduzir o impacto do racismo na infância e na adolescência.

Cada pessoa ou parceria pode aderir à campanha mobilizadora dentro de sua comunidade e redes, com ideias e iniciativas. Com base no mapa dos recursos desenvolvidos pela campanha, cada um pode criar suas próprias peças de mídia e de sensibilização, não apenas usando conteúdos sociais de promoção da equidade étnico-racial para crianças e adolescentes. Ou ainda reaproveitar os materiais de acordo com as necessidades. A ideia é dar conhecimento e visibilidade sobre o que cada um está fazendo **para garantir uma infância sem Racismo**.

A campanha prevê ainda a composição de um Conselho Consultivo composto por personalidades de referência na sociedade brasileira comprometidas com o tema da igualdade racial. O Conselho terá a missão de acompanhar os cursos de campanha que têm como metas gerais contribuir para redução das desigualdades nos indicadores entre crianças brancas, negras e indígenas; e para o aumento do respeito e valorização das diferenças na sociedade.

10 *Intervém as diferenças no espaço e melhora qualidades* *O respeito às diferenças na infância* 11

Por que mobilizar a sociedade em torno desse tema é importante?

Diversidade étnico-racial entre as crianças deve ser motivo de orgulho – e não razão para discriminação. Se a diversidade humana deve ser celebrada, por que crianças que nascem diferentes não atingem os seus direitos na mesma velocidade? Por que as diferenças fazem diferenças na hora de assegurar direitos?

Chamar a atenção sobre os impactos do racismo na formação de uma criança é reconhecer os valores e as atitudes que possibilitam o reconhecimento da riqueza da diversidade brasileira, e de como essa riqueza tem sido como bem utilizada para honrar crianças e adolescentes, criando uma sociedade mais justa.

O Brasil tem desenvolvido muitas ações relevantes em favor de crianças, mas a distância entre o político público e as crianças indígenas, negras e brancas é muito grande e persiste há muitos anos. Precisamos pensar mais sobre por que essas distâncias não diminuem apesar das políticas? E refletir sobre como nossas crianças estão se desenvolvendo sob a naturalização do racismo. Para fazer acontecer a mudança é preciso olhar de frente para esse desafio e dar o valor devido à diversidade.

Crianças e adolescentes têm o direito de conhecer e valorizar os diferentes modos de agir, de pensar, de ver o mundo e de aderir a se relacionar com o outro. Crianças também têm o direito de ser reconhecidas em suas identidades e de desenvolver a sua subjetividade e seus valores como grupo étnico ou histórico. Dessa forma, práticas sociais de qualidade tendem a ser mais fortes e reais.

Quanto custa para nós o racismo?

Cálculos econômicos produzidos nos últimos anos mostram que, para superar os atuais indicadores de desigualdade racial na população brasileira, seriam necessários R\$402 bilhões, investidos em curto prazo.¹ Com essas recursos, seria possível melhorar os indicadores de educação, habitação, saneamento e como consequência desenvolver um processo de equidade na qualidade do acesso aos serviços para os diferentes grupos da sociedade. Esse valor pode ser revertido em ações comprometidas com a cidadania e com a ética, que buscam a promoção da qualidade étnico-racial, resultando em efeitos positivos na educação de crianças e adolescentes.

1 "Resumo, Mapa 1: O Custo do Racismo" e "O Compromisso das empresas com a promoção da qualidade racial" Instituto Ethos, 2008, p. 14

12 *O respeito às diferenças na infância* 13



Seria possível termos todas as crianças livres dos efeitos da discriminação? Depende de nós.

O UNICEF tem como missão colaborar com os governos dos países para que assegurem direitos iguais para cada criança e cada adolescente. Promover a equidade racial é de extrema importância para o desenvolvimento social e econômico de um país. Trata-se de um compromisso não só dos governos, mas também de toda a sociedade. Cada um de nós pode usar os princípios da não discriminação defendidos pela Convenção sobre os Direitos da Criança e lutar pela afirmação da identidade e da garantia dos direitos de todos. Enfrentar o racismo e promover a diversidade é o papel de cada um de nós. Participe desta campanha!

Em um mundo de diferenças, enxergue a igualdade.

Por Uma Infância e Adolescência sem Racismo.

Valorizar as diferenças na infância e cultivar igualdades.

Uma campanha do UNICEF contra o impacto do racismo na infância.

10 maneiras de contribuir para Uma Infância sem Racismo

1. Eduque as crianças para o respeito à diferença. Há está nos tipos de brinquedos, nas roupas usadas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento.
2. Textos, histórias, filmes, piadas e expressões podem ser estigmatizantes com outros idiomas, culturas e tradições. Indigne-se e esteja alerta se isso acontecer – contextualize e sensibilize!
3. Não classifique o outro pela cor da pele; o essencial você ainda não viu. Lembre-se: racismo é crime.
4. Se seu filho ou filha foi discriminado, abraço-o, apoie-o. Mostre-lhe que a diferença entre as pessoas é legal e que cada um pode usufruir de seus direitos igualmente. Toda criança tem o direito de crescer sem ser discriminada.
5. Não deixe de denunciar. Em todos os casos de discriminação, você deve buscar defesa no conselho tutelar, nos quadros dos serviços públicos, na OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência. A discriminação é uma violação de direitos.
6. Promova e estimule a convivência de crianças de diferentes raças e etnias nas brincadeiras, nas salas de aula, em casa ou em qualquer outro lugar.
7. Valorize e incentive o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade étnico-racial.
8. Muitas empresas estão revisando sua política de seleção e de pessoal com base na multiculturalidade e na igualdade racial. Procure saber se o local onde você trabalha participa também dessa agenda. Se não, fale disso com seus colegas e supervisores.
9. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar essa postura dos serviços de saúde e sociais de sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.
10. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas, as crianças e os adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra, e como enfrentar o racismo. Ajude a escola de seus filhos a também adotar esta postura.

Participe desta campanha e contribua para Uma Infância sem Racismo. Assine em o tema de redução do impacto do racismo na infância e na adolescência por meio de www.unicef.org.br ou siga o UNICEF no Twitter: @unicefbrazil. Divulgue para os seus amigos! Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades!

14 Valorizar as diferenças na infância e cultivar igualdades



www.unicef.org.br

Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades

UNICEF/BR/2016/Rev.01

PROJETO DE LEI Nº 5.051/2013 (LDB) - Comissão Constituinte www.constituinte.gov.br

Presidência da República

Ministério da Educação

TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO

Coordenação-geral da TV Escola

Érico da Silveira

Coordenação Pedagógica

Maria Carolina Mello de Sousa

Supervisão Pedagógica

Rosa Helena Mendonça

Acompanhamento Pedagógico

Luís Paulo Cruz Borges

Coordenação de Utilização e Avaliação

Mônica Mufarrej

Fernanda Braga

Copidesque e Revisão

Magda Frediani Martins

Diagramação e Editoração

Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil

Gerência de Criação e Produção de Arte

Consultora especialmente convidada

Azoilda Loretto da Trindade

E-mail: salto@mec.gov.br

Home page: www.tvbrasil.org.br/salto

Rua da Relação, 18, 4º andar – Centro.

CEP: 20231-110 – Rio de Janeiro (RJ)

Maio 2011